

# Cidadão Reggae

Breno Fernandes

Cartão-postal da cidade de Salvador, o Elevador Lacerda não é apenas um meio de transporte para as centenas de pessoas que precisam se deslocar diariamente da Cidade Alta para a Cidade Baixa. Às suas portas, percebe-se outra função do monumento: ponto de ambulantes, que aproveitam o incessante sobe-e-desce de gente para ganhar alguns trocados.

Contudo, um certo vendedor e alugador de cartões telefônicos prefere utilizar outro argumento para justificar sua presença ali: a paisagem. Aqueles que, porventura, estiverem fazendo alguma filmagem do local, como é de praxe num ponto turístico, podem, de repente, deparar-se com ele por perto, aconselhando: "Faça como Glauber: uma câmera na mão e uma idéia na cabeça!" E aí fica claro porque ele valoriza tanto o cenário ao seu redor: trata-se de um apaixonado e profundo conhecedor do cinema – a arte de falar através da imagem em movimento.

Seu nome de batismo é Josenildo Pereira da Silva, mas todos o conhecem por Reggae. Mulato, baixo, magricela, meio desajeitado no andar e parcimonioso com sorrisos – mas nem por isto despido de alegria –, Reggae vive em Salvador há 18 anos. Aos 44 anos, tem 3 filhos mas mora sozinho, numa casa sem TV nem rádio, na Favela da Gamboa.

Nasceu em Ipiaú, uma cidadezinha do sul da Bahia cujos tempos de glória, advinda do cacau, já se foram. Foi nesta época que a relação de Reggae com a sétima arte começou. "Quando minha cidade tinha cacau, nós tínhamos um cinema. Eu era pobre, mas de vez em quando algum amigo pagava pra mim. Também não sabia ler, e ficava perguntando o que tavam falando", conta, gesticulando muito. "Minha mãe não queria que eu estudasse; tinha era que trabalhar. Mas depois de conhecer o cinema, eu fiquei com muita vontade de aprender a ler, pra entender o que aparecia na tela. Como minha mãe lavava roupa para uma diretora de escola, consegui me matricular."

O primeiro filme que se lembra de ter visto foi *Joselito & O Cavalinho Branco*, um infantil, destes que passavam nas matinês. Mas Reggae fazia de tudo para poder assistir aos filmes da noite também, só para maiores de idade. Conseguiu quando começou a trabalhar no cinema. Varria o chão e podia ver todos os filmes de graça.

Reggae visitava Salvador esporadicamente. Em 88, resolveu mudar-se para cá em definitivo. O motivo? "Eu vim pra Salvador por causa da pobreza. Cheguei aqui pra roubar!", desabafa, sem, todavia, mudar seu tom de voz costumeiro: firme e sério. Roubava sons de carro com um amigo, até que um dia... "Eu soube que ia passar *Ladrões de Bicicleta*, de Vittorio de Sica, no antigo Teatro Maria Bethânia, no Rio Vermelho. Fui lá e pedi à proprietária, dona Gilda Carvalho, para entrar de graça. Ela deixou. Esse filme gira em torno de um roubo. Quando terminou, nunca mais quis ser ladrão na minha vida!"

Hoje Reggae dedica sua vida ao trabalho e ao cinema. É dono de uma bagagem cinematográfica invejável e mal vê a hora passar quando está falando sobre o que ama: Kubrick, Kurosawa, John Ford, Godard, Truffaut, Fellini, Pasolini, Leoni, Glauber Rocha... Reggae ama os clássicos, especialmente os neo-realistas – mas também sabe reconhecer o valor de novos talentos. "Outro dia eu peguei um festival de cinema brasileiro e... Quanta coisa boa! *O Redentor, O Homem Que Copiava, O Invasor...*" Em Salvador, existe um projeto chamado Cinema na Praça, que exhibe filmes na Praça Thomé de Souza, onde fica a

entrada de cima do Lacerda. Ele os vê, mas não gosta. “Só passa filme comercial, cheios de violência”, reclama.

Seu maior orgulho foi ter sido figurante de duas grandes produções: *SuperOutro* (1989), de Edgard Navarro, e *Orquídea Selvagem* (*Wild Orchid*, 1990), de Zalman King, onde esteve em cena com a bela Jacqueline Bisset. Não teve remuneração em nenhum dos dois – o fez pelo prazer.

Reggae é sério quando fala de cinema porque o vê como algo sagrado. Põe a cultura (que, sob sua óptica, é ver bons filmes, ler bons livros e ouvir boa música) no mesmo patamar que a religião, como princípios para se ter uma vida digna. O cinema mudou – e muda – a sua vida. Sem dar muita atenção ao cliente que se aproxima para alugar unidades de cartão telefônico por vinte e cinco centavos, tem os olhos brilhantes quando, num raro momento, sorri e exclama: “O cinema é o remédio pra tudo!”

**Breno Fernandes** é estudante de jornalismo da Facom/Ufba e escritor. Já publicou os infanto-juvenis *O Mistério da Casa da Colina* (2002) e *Mil – a primeira missão* (2006), pela editora FTD.